

A República Africana Central: UM ESTUDO DE CASO SOBRE ARMAS PEQUENAS E CONFLITOS

Nos últimos dez anos, na República Africana Central (RAC) foram implantadas quatro operações internacionais de paz, além deste país ter sido testemunha de conflitos em estados vizinhos, que regularmente estiveram em evidência internacional. Mesmo assim, existe pouca documentação sobre o país. A relevância deste estudo vai além dos problemas desta nação, cercada de terra, que é o objeto central deste capítulo. O capítulo desafia muitas das suposições, amplamente aceitas, sobre esforços para a reforma do setor de segurança (RSS), que têm implicações continentais e globais. Esse estudo também fornece um contexto mais rico, para facilitar a compreensão sobre as ameaças contínuas na busca da paz e segurança, em toda a região. Ele destaca as formas em que os conflitos são inter-relacionados, e demonstra como é possível o progresso em um país prejudicar avanços em outros países, se a devida atenção dispensada não for suficiente para evitar que isso aconteça.

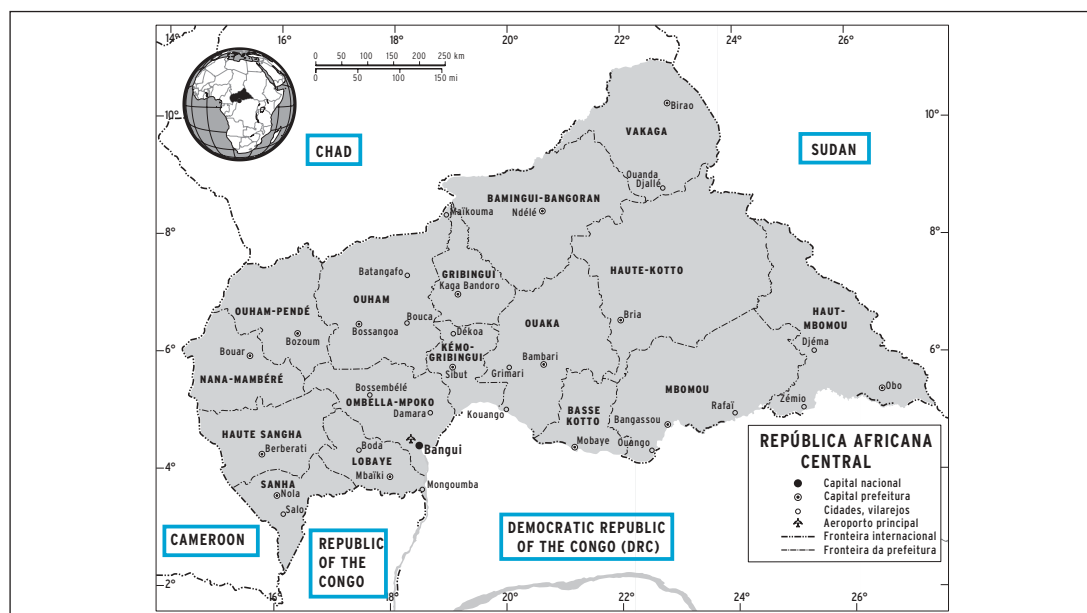
RAC – Um país que atravessa 623 mil quilômetros quadrados (um pouco maior que o tamanho de Portugal e Espanha juntos) – tem passado por um período difícil e consideravelmente tumultuado, desde que ganhou a independência da França em 1960. Os seus 3.9 milhões de cidadãos estão entre as pessoas mais pobres do mundo. Aconteceram quatro golpes de estado, o último em 15 de março de 2003, quando o ex-Chefe militar Geral François Bozizé depôs o Presidente Ange-Félix Patassé.



Soldados leais de RAC dirigem em volta de Bangui, em novembro de 2002, pouco após o Presidente Ange-Félix Patassé reprimir uma revolução, com a ajuda de combatentes convocados da Líbia e da RDC.

© Christine Nesbitt/AP Photos

Mapa 11.1 República Africana Central e seus vizinhos



Esse estudo destaca as formas em que os conflitos são interrelacionados e como é possível o progresso em um país prejudicar avanços em outros países, se a atenção dispensada não for suficiente para evitar que isso aconteça.

As armas pequenas não estão relacionadas de forma proeminente com a falta de sorte do país até 1982. Foi então, após uma tentativa frustrada de golpe, que atores não estatais na RAC começaram a receber armas do estrangeiro. A mudança no Governo de Chad, em 1982, também causou sérias ramificações para a RAC, incluindo o movimento de grupos armados nas fronteiras. Durante os anos 80 e no início dos 90, houve várias tentativas de golpes, suspeitas de tentativas de golpes, e violência em uma relativa e pequena escala, causada por facções descontentes e pelas Forças Armadas Centrafricanas (FACA). A situação deteriorou visivelmente em 1996, quando elementos da FACA rebelaram-se, culminando no saque do maior depósito de armas do país, em Kassai Barracks, na capital, Bangui. Em 1997, depois do golpe que depôs o Presidente do Zaire, Mobutu Sese Seko, milhares de armas adicionais entraram na RCA. Uma situação parecida aconteceu dois anos mais tarde, quando o Movimento pela Liberação do Congo (*Mouvement de Libération du Congo*, MLC), um grupo rebelde com respaldo da Uganda e liderado por Jean-Pierre Bemba, derrubou as Forças Armadas do Congo (FAC) de Laurent Desiré Kabila, o sucessor de Mobutu. Durante os anos de 2000 e 2003, mais armas continuaram entrando na RCA via Chad, também dando apoio à campanha militar do General Bozizé.

Esse capítulo foca em acontecimentos entre os anos de 1996 e 2003, que têm afetado a habilidade do estado para controlar armas, nas mãos de civis, e que contribuíram para facilitar um fluxo maciço de armas para grandes áreas dentro do país. Juntos, estes fatores criaram uma ameaça clara para a segurança nacional, para a lei e a ordem. Esse capítulo examina a disponibilidade das armas pequenas e sua distribuição na RAC; estuda o fluxo e o tráfico das armas pequenas; analisa os impactos do uso das armas pequenas e sua disponibilidade; e estuda os vários esforços para o desarmamento na RAC, nos últimos anos. Seguem abaixo as principais conclusões.

- Elementos armados na RAC têm muito mais poder de fogo do que as forças governamentais (com exceção da guarda presidencial), que não são preparadas para enfrentá-los.
- O governo, que reclama que 50 mil armas circulam fora de seu controle, pode estar subestimando a escala do problema.
- Os multiplicadores de vários estoques de armas das Forças Armadas da África Central não são atualizados há muito tempo, e são extremamente pequenos. Conseqüentemente, o resultado dos cálculos feitos no passado, sobre a posse estatal de armas pequenas, pode ser bem menor que a estimativa atual.
- Operações de paz não têm sido uma fonte significativa de armas.
- Embora os estados regionais tenham fornecido armas às forças do governo e aos rebeldes em busca do poder, o tipo de armamento tem sido relativamente limitado e não inclui mísseis terra-ar.
- Atores não-governamentais não só recebem material e outros tipos de apoio de governos, mas também têm papel reconhecido, no auxílio de administrações do estado.
- As mortes e acidentes relacionados às armas de fogo na RAC, podem ser relativamente insignificantes quando comparados com outras áreas de conflito na região, porém, o país sofre enormemente com os efeitos econômicos e psicológicos do uso e disponibilidade de armas pequenas.
- Programas de recolhimento de armas na RAC têm falhas no desenho e são mal implementados. Além de terem tido menos sucesso do que originalmente se pensou, é também possível argumentar que tenham até prejudicado a segurança nacional.

Hoje, a habilidade do estado em controlar armas, nas mãos de civis, é essencialmente não existente. O fluxo maciço de entrada de armas para grandes áreas do país representa uma ameaça para a segurança nacional, para a lei e para a ordem. Apesar das habilidades políticas do Presidente Bozizé, a proliferação das armas pequenas na RAC irá complicar ainda mais a situação do país, que já apresenta desafios consideráveis. A RAC é um barril de pólvora, mas ainda existe a esperança de que as tensões possam dispersar. Vários acontecimentos nos últimos anos têm contribuído para uma falha na segurança no país. Zaraguinas (bandidos) passeiam nas ruas, com clara impunidade fora da capital, e roubos a mão armada ocorrem freqüentemente em Bangui e em outros lugares. Até agora, a maioria dos esforços para o desarmamento se revelou um desperdício de dinheiro, já que ficou claro que a maioria das armas voltou a circular, em vez de ter sido realmente removida. Também é possível afirmar, que as iniciativas de desarmamento exacerbaram tensões já existentes na sociedade, porque a aparente seletividade sobre a qual os projetos foram implementados, tornaram mais complicadas as diferenças e divisões entre os grupos na sociedade. Mesmo assim, o desarmamento é ainda um grande e importante empenho, que merece receber apoio internacional; mas o programa precisa ser projetado e implementado de maneira mais competente. Iniciativas futuras deveriam ter como objetivos os numerosos grupos armados criados por Patassé, os Zaraguinas do Chad e os Liberators do Bozizé. O foco deveria estar mais direcionado para fuzis de assalto e armas leves, do que para rifles antigos. Armas e munições recolhidas deveriam ser destruídas.

As conclusões do estudo deveriam ajudar as autoridades competentes a desenvolverem novas formas de reformar os setores de segurança e implementar programas de desarmamento, desmobilização e reintegração, na RAC e em outros lugares do mundo.

Programas de recolhimento de armas na RAC têm falhas no desenho e são mal implementados.

RAC hoje é um barril de pólvora, porém ainda existe a esperança, de que as tensões possam dispersar.